

A Reserva Extrativista ‘original’ foi ‘apagada’ pelo SNUC? Reflexões com Osmarino Amâncio Rodrigues, liderança histórica do movimento seringueiro

Anselmo Gonçalves da Silva  

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC) – Xapuri, Acre, Brasil.
e-mail: anselmo.silva@ifac.edu.br

Lailton dos Santos Costa  

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília (STR) – Brasília, Acre, Brasil.
e-mail: lailtondosantos13@gmail.com

Resumo

Esta entrevista com Osmarino Amâncio Rodrigues, liderança histórica do movimento seringueiro amazônico, integra um processo de devolutiva reflexiva vinculada a investigações recentes sobre as Reservas Extrativistas (RESEX). Conduzida no âmbito de um enquadramento teórico-metodológico inspirado no estudo de caso ampliado, teve como objetivo tensionar os achados de uma revisão de literatura acerca das problemáticas institucionais das RESEX após a sua incorporação ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). As respostas do entrevistado evidenciam o distanciamento entre o modelo institucional vigente e a concepção original das RESEX, pelo que se considera haver impactos sobre a sustentabilidade do modelo e sobre a resiliência socioecológica das comunidades, em um contexto de desafios sociais e climáticos críticos.

Palavras-chave: Amazônia; autonomia; comunidades tradicionais; unidades de conservação.

Was the ‘original’ Extractive Reserve ‘erased’ by the SNUC? Reflections with Osmarino Amâncio Rodrigues, historical leader of the rubber tapper movement

Abstract

This interview with Osmarino Amâncio Rodrigues, a historical leader of the rubber-tapper movement in the Brazilian Amazon, is part of a reflective feedback process linked to recent research on Extractive Reserves (RESEX). Conducted within a theoretical-methodological framework inspired by the extended case study approach, it aimed to examine the findings of a literature review regarding the institutional challenges faced by RESEX following their incorporation into the National System of Nature Conservation Units (SNUC). The interviewee's responses highlight the gap between the current institutional model and the original conception of RESEX, from which it is considered that there are impacts on the sustainability of the model and on the socio-ecological resilience of the communities, within a context of critical social and climatic challenges.

Keywords: Amazon; autonomy; traditional communities; protected areas.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¿La Reserva Extractivista ‘original’ fue ‘borrada’ por el SNUC? Reflexiones con Osmarino Amâncio Rodrigues, líder histórico del movimiento seringueiro

Resumen

Esta entrevista con Osmarino Amâncio Rodrigues, líder histórico del movimiento de gomereros de la Amazonía brasileña, forma parte de un proceso de retroalimentación reflexiva vinculado a investigaciones recientes sobre las Reservas Extractivistas (RESEX). Realizada en el marco de un enfoque teórico-metodológico inspirado en el estudio de caso ampliado, tuvo como objetivo examinar los hallazgos de una revisión de la literatura sobre los desafíos institucionales que enfrentan las RESEX tras su incorporación al Sistema Nacional de Unidades de Conservación de la Naturaleza (SNUC). Las respuestas del entrevistado evidencian la brecha entre el modelo institucional vigente y la concepción original de las RESEX, lo que sugiere impactos sobre la sostenibilidad del modelo y sobre la resiliencia socioecológica de las comunidades, en un contexto de desafíos sociales y climáticos críticos.

Palabras-clave: Amazonía; autonomía; comunidades tradicionales; áreas protegidas.

Introdução

Ecologia sem luta de classes é jardinagem.
(Chico Mendes apud Rodrigues, 2020, s.p.)

As Reservas Extrativistas (RESEX) foram institucionalizadas em 1990 como uma inovação nas políticas territoriais brasileiras. Nascidas da luta do movimento social seringueiro¹, emergiram como resposta à violência fundiária e aos processos de expropriação que afetaram comunidades amazônicas nas décadas de 1970 e 1980. Lideranças como Francisco Alves Mendes Filho (Chico Mendes) e Osmarino Amâncio Rodrigues foram fundamentais na formulação de um modelo territorial que buscava articular justiça social e fundiária, sustentabilidade ambiental e protagonismo-autonomia das comunidades locais (Allegretti, 2002; Porto-Gonçalves, 2003; Silva; Rodrigues; Costa, 2024) (Figura 1).

¹ Movimento seringueiro foi um movimento social amazônico, composto por trabalhadores e ex-trabalhadores da produção de borracha, que lutavam pela regularização fundiária das áreas florestais onde viviam, os seringais.

Figura 1: Osmarino, junto a outras lideranças, apresenta à imprensa uma imagem da NASA que evidencia o avanço do desmatamento em Rondônia e no Acre (1987).



Fonte: Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), 2024.

Contudo, nas décadas seguintes, especialmente após a incorporação das Reservas Extrativistas ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), instituído pela Lei nº 9.985/2000 (Brasil, 2000), diversos autores passaram a apontar problemáticas como a perda de autonomia comunitária, o aumento do controle estatal e a imposição de modelos exógenos de gestão e conservação, frequentemente alheios às ontologias e epistemologias locais (Cunha, 2010; Lobão; Loto, 2012; Almeida; Rezende, 2013; Porto-Gonçalves, 2016; Araújo; Nicolau, 2018; Prost, 2018; Silva, 2024a, 2024b). Tais processos culminaram numa 'virada onto-epistemológica', marcada pela reconfiguração conceitual e institucional das Reservas Extrativistas, orientada pela lógica estatal e pela hegemonia da 'conservação da biodiversidade' em perspectiva internacional (Silva, 2024b).

Considera-se que essa reconfiguração pós-SNUC tem afetado a resiliência socioecológica desses territórios, entendida como a capacidade das comunidades de sustentar suas formas de reprodução social e territorial frente a pressões externas e mudanças ambientais (Cinner e Barnes, 2019). Ao impactar os sistemas sociais — políticos e ontológicos — por meio do próprio dispositivo de ordenamento territorial, essas transformações ampliam os riscos de rupturas nas dinâmicas sociais locais, criando condições propícias a crises, mediadas, entre outros fatores, por crescentes insatisfações de moradores com o dispositivo institucional RESEX (Almeida; Rezende, 2013; Milkoreit et al., 2018; Cinner e Barnes, 2019).

Diante desse contexto, a presente entrevista busca promover uma reflexão crítica sobre o percurso histórico-institucional das RESEX, tendo como fio condutor a pergunta de pesquisa formulada a partir de investigações anteriores: 'A Reserva Extrativista 'original' foi

‘apagada’ pelo SNUC?’². Para explorar essa questão, realizou-se diálogo reflexivo com Osmarino Amâncio Rodrigues, liderança histórica do movimento seringueiro e um dos protagonistas da concepção original das Reservas Extrativistas.

Essa escuta integra uma devolutiva reflexiva vinculada aos resultados de um artigo previamente publicado, no qual foram sistematizadas sete macro-categorias de problemáticas decorrentes da incorporação das RESEX ao SNUC (Silva, 2024c). A abordagem metodológica adotada foi inspirada no ‘estudo de caso ampliado’ (Burawoy, 2014), que concebe a produção de conhecimento em ciências sociais como um processo dialógico e reflexivo, sustentado na interação crítica entre pesquisador e sujeitos do campo empírico. Trata-se de uma perspectiva que valoriza o retorno ao campo como momento estratégico de confronto entre teoria e experiência social vivida, permitindo o refinamento e a reinterpretação das categorias analíticas à luz das percepções e críticas dos próprios sujeitos envolvidos.

Procedimentos Metodológicos

O roteiro da entrevista foi elaborado com base nas sete macro-categorias analíticas sistematizadas no artigo anterior (Silva, 2024c). A condução da atividade seguiu uma dinâmica de leitura coletiva desse texto, com pausas ao final de cada seção, momento no qual se promovia uma discussão crítica. As perguntas buscaram recuperar a memória histórica e tensionar conceitos, categorias e interpretações da literatura, confrontando-as com a experiência e as percepções do entrevistado. A transcrição seguiu o princípio da preservação da oralidade e do estilo discursivo de Osmarino Amâncio Rodrigues, com ajustes mínimos para garantir clareza textual. A organização do material respeitou a sequência temática das macro-categorias. A entrevista foi realizada em 2024, no município de Epitaciolândia, Acre, com a participação de um ex-analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Anselmo Gonçalves da Silva, e de um jovem rural vinculado ao movimento sindical local, Lailton dos Santos Costa, o que conferiu ao diálogo diversidade de perspectivas intergeracionais e institucionais.

A entrevista: reflexões sobre o percurso histórico-institucional das RESEX

A seguir, apresenta-se a transcrição da entrevista com Osmarino Amâncio Rodrigues, organizada por blocos temáticos correspondentes às sete macro-categorias que

² Referente ao projeto de pesquisa ‘Quais os sentidos do desenvolvimento Amazônico? Reprodução social de populações tradicionais versus dispositivos de ordenamento e planejamento territorial em Reservas Extrativistas amazônicas’.

nortearam o roteiro de perguntas e a dinâmica dialógica da atividade. Cada bloco aborda um eixo específico das problemáticas contemporâneas das Reservas Extrativistas.

Bloco Temático 1 – Categorizações externas das pessoas

Anselmo: A noção de 'populações tradicionais' foi utilizada para organizar a inclusão das Reservas Extrativistas no SNUC. No entanto, esse termo não era empregado por vocês no movimento seringueiro. Segundo o professor Henyo Barreto, da UNB [Universidade de Brasília], o uso desse termo no SNUC tem a sua origem nos congressos mundiais de 'Parques', e foi desenvolvido para conceber a permanência de populações locais nos seus próprios territórios, após a criação de uma área protegida sobre eles (Barreto-Filho, 2006). No SNUC, essa noção funciona como uma teoria-ideologia, e parte do pressuposto de que a cultura dessas populações deve ser conservada — não parte da ideia de direito territorial — pois acredita que a cultura seria responsável pela conservação da biodiversidade. Daí surgem regras e controles que vão tentar promover a 'proteção' de um modo de vida tradicional — sem que isso seja muito claro para os moradores. Daí vamos ter subjugações, colonizações.... Então, parece que essa categorização de vocês como 'populações tradicionais' não foi algo que ocorreu no movimento seringueiro.... Pode nos contar um pouco sobre isso?

Osmarino: É um dos pontos que foi muito, muito debatido. Porque, na nossa categoria, o que a gente falava na época era o termo 'camponês'.

Anselmo: Camponeses da floresta, trabalhadores da floresta...

Osmarino: Então, a gente usava muito. Depois, eles começaram a modificar. Era camponês seringueiro, ou camponês agricultor. Passaram a modificar a gente de seringueiro, aí já quiseram que nós decorássemos a palavra... é... Não é seringueiro, mas é o... como é que a gente diz a palavra? Produtor! Mas não é bem a palavra produtor... Produtor extrativista!... Nós deixamos de ser seringueiro para ser produtor extrativista, que era uma forma de que... A gente sempre produzia.... Nós sabíamos que nós éramos produtor. Mas porque a gente sempre dizia que o seringalista não produzia nada, o seringalista não era extrativista, mas ele gerenciava todo esse processo na Reserva. Então, aí a gente não usava esse termo, 'tradicional', porque para nós isso era de praxe.... Não existia. Depois tiveram que modalizar nós. Tem que ter uma identidade para se incluir no direito de estar dentro da Reserva Extrativista. Para nós, dentro da Reserva era toda aquela pessoa que já trabalhava lá, que precisava do território, que precisava para sobreviver lá dentro, então não tinha esse negócio de você dizer: Não, você vai ser essa categoria única, para ficar aqui. Para nós não. Porque... tanto que criaram, inclusive, que o professor, para ser professor da Reserva, tinha que ser extrativista. Tinha que ser tradicional. Para nós

isso... Ele tinha que ser professor, né?!... Professor é sempre o professor. Então, essa foi uma discussão que nunca se chegou a um denominador comum, mas, no entanto, como a canseira dessa discussão foi tão grande na época, que as pessoas que foram ficando na direção das associações, na direção do Conselho Nacional dos Seringueiros [CNS], cederam. E, principalmente, por quê?... Entraram, né, no favorecimento de estrutura que o pessoal precisava. Então, algumas entidades passavam a discutir com determinada pessoa do movimento para convencer ela a decorar aquele discurso, né?!... Do 'tradicional'.... Eu discutia muito esse tipo de coisa mais o Chico. E o Chico, ele tanto debatia... Ele escutava, mas quando ele chegava, ele dizia: Rapaz... aquilo é complicado. Nós vamos fazer aquilo que nós achamos... que a gente sempre fez, né?!... Seringueiro, é o mesmo agricultor, nós somos do mesmo território, não tem ninguém que vai ser o 'produtor', que vai ser... Todo mundo é o seringueiro, e nós sabemos que quem produz é nós. Então, vamos tentar fazer.... Mas, aí, mataram o Chico. Quem fazia essa boa discussão com a gente, geralmente, era o Chico Mendes, depois veio o Gumerindo³, né?!... Que era uma pessoa de muita confiança do movimento, nosso. Mas nós tínhamos muita divergência com outras pessoas das entidades que trabalhavam com a gente. Tinha gente que era mais complicado, no sentido que queriam que todo mundo que fosse seringueiro, se autodenominasse como ambientalista, como ecologista, e nós divergíamos. Porque nós somos seringueiros, mas, para nós, a questão ambiental e a questão ecológica, isso depende muito de você ter um certo conhecimento catedrático. Nós não temos. Nós defendemos a floresta não porque nós somos ambientalistas, nós defendemos a floresta porque nós precisamos dela, mas não coloque um rótulo em nós. Nós somos sindicalistas, camponeses, seringueiros, agricultores. Mas ambientalistas, ecologistas, nós nunca fomos. E essa foi uma teima que dividiu o congresso [do CNS], né?!... Dividiu nossas Assembleias em muitos cantos, né?!... Uma dessas pessoas das entidades chorou. Porque num certo evento chegaram a dizer assim: os tradicionais são os mesmos ecologistas, os mesmos ambientalistas. Então, quem for ambientalista para cá, quem fosse... para lá. E sempre queriam dizer, no sentido pejorativo, como que o sindicalista era uma pessoa que não era bem visto ali. E, nós éramos sindicalistas, nós aprendemos a discutir a defesa do território pelo movimento sindical. Não foi pelo movimento ambiental. Esse pessoal chegou aqui depois... Quando eles chegaram aqui, os antropólogos, os geógrafos, aí eles chegaram na hora do conflito. Nós já estávamos discutindo a questão sindical. E, alguns deles entenderam nós com muita rapidez. Por exemplo, o Carlos Walter [Porto-Gonçalves]. Uma pessoa que ouvia a gente, e ele escrevia o que ele ouvia. Mas, tinha algumas pessoas.... Por exemplo, aquele deputado, que fez a lei do SNUC... [...]. Não foi uma discussão. Nós já pegamos o texto com todas as mudanças.

³ Gumerindo Rodrigues foi amigo próximo e ex-assessor político de Chico Mendes. Teve atuação destacada na organização do movimento seringueiro.

Já chegaram, está aqui, o que vai assumir... através do SNUC. Eliminaram com o CNPT [Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais]. Porque, de primeiro, tinha o CNPT e daí criaram o ICMBio [Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade]. Então, essa foi uma das questões. Então, eu acho que essa é uma coisa que nunca vai.... Na regra vai funcionar, porque é a regra, mas na prática.... Todo mundo se acha como seringueiro ou agricultor. Hoje mesmo, você vai para dentro do seringal e você diz: Eu vou para a 'colonha'⁴. Porque ele é um agricultor-'colonheiro'.

Lailton: Na sua opinião, o SNUC, então, foi um instrumento, tipo... de querer dominar, querer excluir o seringueiro dos debates, de participação?...

Osmarino: O SNUC foi para tirar a liderança do movimento. O movimento, antes, nós fazíamos os encontros da comunidade, nós fazíamos os encontros dos municípios, né?!... Fazíamos os encontros das regiões, do Estado e o Encontro Nacional. Nada podia ser aprovado lá dentro [das Reservas Extrativistas] se não fosse depois de passar por todas essas esferas. [...]. E aí, o que é que eles fizeram? Como era para ser aprovado no Encontro [Nacional do CNS] que o presidente do CNPT (correspondente a presidente do ICMBio, atualmente), tinha que ser um seringueiro.... Foi aprovado no Conselho [do CNS]. Depois, a Marina assume, e muda, a presidência do ICMBio (que foi criado⁵), ficava com o Ministério do Meio Ambiente. Daí o ministro escolhia. Ele que passou a escolher, não era mais nós que escolhia nas Assembleias, no Encontro Nacional [o dirigente do órgão responsável pelas Reservas].

Anselmo: Você lembra quando surgiu no movimento o uso do termo extrativista? Porque o Txai Macedo⁶ falou numa entrevista esses dias que a primeira vez que ele ouviu foi em Rondônia, numa Assembleia, por um técnico (Felix, 2022). Ele falou algo como: 'O que vocês fazem... assim... assim... o que vocês fazem é extrativismo, então vocês são extrativistas'.

Osmarino: Eu lembro quando essa coisa veio de Porto Velho. Tivemos uma reunião aqui, praticamente em 86...

Anselmo: Depois do Encontro Nacional [I Encontro Nacional dos Seringueiros]?

Osmarino: Foi! Depois do Encontro Nacional. No Encontro Nacional se discutiu toda aquela questão da borracha, do látex, que ninguém sabia o que que era isso, né?!... Então, foi lá que a gente espalhou essa questão. Mas lá todo mundo se identificava como seringueiro. A questão do extrativismo, eu lembro perfeitamente, em uma das reuniões, não

⁴ 'Colonha' é um termo usado no Acre para designar unidades rurais familiares, originalmente vinculadas a assentamentos. No Alto Acre, passou a ser amplamente adotado por seringueiros para se referirem às suas colocações dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes.

⁵ O ICMBio foi criado pela Lei nº 11.516, de 28 de agosto de 2007, durante o primeiro período em que Marina Silva exerceu o cargo de Ministra do Meio Ambiente, de 1º de janeiro de 2003 a 31 de maio de 2008.

⁶ Antônio Luiz Batista de Macedo, conhecido como Txai Macedo, é um indigenista com longa trajetória de atuação no Acre, especialmente junto a povos indígenas da região. Desde a década de 1980, participou de processos de reconhecimento territorial e de articulações políticas locais.

sei qual foi. Se foi aqui ou se foi... no Juruá⁷. E aí eu disse, olha gente, isso aí é muito perigoso. A questão é a seguinte: o extrativismo, ele se inclui: o garimpeiro é extrativista, o madeireiro é extrativista.... Porque tudo é extrativo daqui. O seringueiro é extrativista. Então, isso teve uma teima na época, porque a gente tava para criar as Reservas Extrativistas. Só que não tinha uma figura jurídica, o extrativismo ele foi juntado para a gente criar a lei da Reserva Extrativista. Era a única forma, porque a divergência existiu, mas chegou-se a um acordo, para se criar a figura da lei da Reserva Extrativista. Então, isso foi uma coisa assim, mas eu lembro bem, que se não fosse por causa da lei, essa teima ainda existia.

Bloco 2 – A ‘mata’-floresta dos seringueiros e a do SNUC

Anselmo: Porto-Gonçalves (2016) tece uma crítica de que toda a implementação da Reserva Extrativista seguiu uma perspectiva da técnica, da ciência e de uma ‘natureza’ modernas... Imputando aos seringueiros e aos moradores, principalmente da Amazônia, de se enquadrar nesses instrumentos que foram sendo produzidos com essa visão de ‘mata’/floresta de fora, que vai ser necessária para seguir as técnicas... a ciência da conservação da biodiversidade... Para implementar toda essa cultura institucional do campo de áreas protegidas no mundo. Então, eu queria fazer as seguintes perguntas: Quem era a ‘mata’ ou floresta para os seringueiros? Como é que eles concebiam a sua relação de gestão territorial com a ‘mata’ no projeto das Reserva Extrativistas? E quais os prejuízos desse domínio do saber externo, com o SNUC, na relação com a ‘mata’?

Osmarino: Rapaz... A mata para nós... O conceito de mata.... Eu nasci aqui nessa região. O nome dessa região aqui chamava-se Seringal Bela Flor. Então, o conceito da mata para nós era um conceito assim, totalmente de não ter regra, em determinados assuntos. Por exemplo, eu tinha castanha aqui, a minha caça aqui, mas eu podia caçar, eu podia varar, dois, três, quatro, seringais. Saía caçando.... Não com cachorro, mas saía caçando a ponto. Então, a mata para nós era como uma praça. Você poderia sentar em qualquer lugar. Ali não tinha esse negócio de dizer... de enquadrar a gente, né?!... Então, para nós, o conceito de mata é um conceito de liberdade. Não era.... Não tinha uma regra, sabe? Porque para nós, a mata, se tivesse mata podia tirar a terra. Ninguém sabia plantar. A gente só sabia trabalhar.... Tudo a gente comprava no barracão. A gente comprava tudo! A gente só trabalhava a castanha, a caça, a pesca, a seringa, só isso. A nossa luta para defender a terra ela vem embutida por conta da questão conflituosa, né?!... Porque aí, o conflito, a questão agrária, o conflito fundiário e o território, para nós, eram uma coisa só. Terra, mata,

⁷ Juruá é uma mesorregião do Acre.

né?!... Mais, para a nossa sobrevivência, era a floresta. A gente não tinha esse interesse pela terra. Isso aí foi depois, quando veio o incentivo à pecuária, né?!... Aí, o incentivo à agricultura, né?!... Dinheiro....

Bloco 3 – Direitos territoriais: parcialização e condicionalidades pós-SNUC

Anselmo: Há autores que apontam para a parcialização do reconhecimento dos direitos territoriais plenos na prática da Reserva Extrativista após a implementação do SNUC (Almeida; Rezende, 2013). Como os moradores se sentem em relação à sua plenitude de apropriação do que é a sua Reserva Extrativista hoje?

Osmarino: Nem sente!... Não tem mais!... Ele já adquiriu a consciência de que ele não tem autonomia nenhuma sobre aquela área. Isso acabou! É tanto que hoje, para grande maioria, como acabaram as discussões que a gente fazia antes do SNUC... Antes do SNUC tinha o fiscal colaborador, que a gente mesmo criou entre nós, que era para evitar os desmatamentos em cabeceiras, em lagos... A gente discutiu o que era para se evitar dentro da nossa Reserva. Antes de acontecer todas as regras que criaram. Quando criou essas regras, essas discussões acabaram. Acabou o fiscal colaborador.... Que ele não recebia nada, mas ele chegava onde o companheiro estava desmatando, na cabeceira d'água, ele ia lá e dizia: meu amigo...

Lailton: Orientava... [...].

Anselmo: Mas... como você percebe o sentimento dos moradores da Reserva em relação aos seus direitos territoriais, e por que ele se sente assim?

Osmarino: Por causa das regras que foram criadas, né?!... Com as regras que foram criadas para dentro da Reserva... eles se sentem agora como uma pessoa sem autonomia nenhuma de fazer... Porque de primeiro, para mim fazer minha casa, eu tinha direito de escolher uma castanheira, que não dava coco. Ou então uma que está no chão. A gente tem essa autonomia de fazer isso, né?!... Hoje a gente não tem mais. Eu queria escolher, por exemplo, a aguana, a cerejeira ou o cedro. Para tirar, para fazer.... Hoje não. Hoje eles chegam lá manda a gente fazer de... O cara chegou outro dia lá, falou.... Olha, vocês não podem derrubar essas coisas, aguana... falando assim. Pessoal que vieram lá de Rio Branco, de Brasília. Aí mostraram a lei da seringueira, que tem uma lei. A lei da aguana e a lei da castanheira. Tem as leis, né.... Gente, para mim botar um roçado na minha colocação é uma luta, porque não tem uma área que não tenha seringa, que não tenha castanha. Então é um Deus que nos acuda. Se tu ver o meu roçado lá. Vai ficando assim, de meio hectare de mata no meio do roçado. Porque eu tenho dó de derrubar uma castanheira ou uma seringueira. Mas, tem lugar que você tem que derrubar, e se for descoberto, eu sou

processado, né?!... Eu sou criminalizado.... Então, ele [o morador] não tem mais o gosto que tinha de estar na Reserva. Se ele achar um negócio para fora da Reserva, ele quer sair fora.

Bloco 4 – Da ‘fiscalização’ comunitária ao ‘polícia[mento]’ ambiental

Lailton: Você falou do fiscal colaborador... Era a fiscalização do pessoal de dentro, fiscalizando a si mesmo?

Osmarino: Isso mesmo...

Anselmo: Aí, tem duas perguntas: Como é a política de fiscalização hoje em comparação ao que era? E qual é a crítica em relação a como a fiscalização deveria ser nos moldes das Reservas Extrativistas que vocês imaginaram?

Osmarino: Nós criamos esses fiscais entre a gente mesmo. Não tinha uma regra de você usar a força judicial. Como é feita hoje. Com arma, sabe? Vai lá com quatro, cinco, caminhões carregados de Exército, de Polícia Federal, parece que está chegando numa área, sabe... de bandido mesmo. [...]. É que a fiscalização não é uma fiscalização. São policiais. Para nós, o fiscal é aquele que vai orientar. Que vai, sabe?... Ajudar a pessoa a entender e não chegar e já criminalizar.

Lailton: Poderia fazer um papel mais educativo, né?!...

Osmarino: É!

Anselmo: Isso não seria uma consequência da não realização do ideal de autogestão que vocês imaginavam no início?

Osmarino: É!

Anselmo: Tudo isso é um desdobramento...

Osmarino: Das regras que foram criadas, né?!... Pelo SNUC, pelo Estado. Daí tirou toda essa liberdade que a gente.... Porque nós fazíamos assim... A gente se reunia, nós discutíamos isso. E aí o cara perguntava: alguém aqui pode ser o fiscal colaborador? Aí a pessoa se candidatava a ser.

Bloco 5 – Estado: de assessor a proprietário-gestor-policial territorial

Lailton: Atualmente, o ICMBio tem o papel de gestor ou só o papel de polícia?

Osmarino: O ICMBio tem o papel de criminalizador, né?!... Ele vai lá para criminalizar.

Lailton: Não é gestor? Era para ser gestor né?!...

Anselmo: ‘Gestor’ era para ser as comunidades. O órgão era para ser um assessor, do processo de desenvolvimento, de gestão e garantidor das normas que elas estabelecessem...

Osmarino: Eles eram para dar assessoria quando a gente solicitasse. Tá?!... Quando alguma coisa que nós não entendíamos, né?!... Então, por exemplo, às vezes a pessoa chegava lá e discutia... a gente participava de um encontro... 'O que é aquífero?' Nós não sabíamos que diabo era isso. Então, vamos chamar o assessor para explicar para nós o que é isso. Daí o cara chegava, falava.... Para nós, assessoria era para essas coisas. [...].

Anselmo: Então a gente vê que a ideia de que o órgão é gestor já é errada em si.

Osmarino: É! Exatamente.... É! E a gente tem isso com clareza.

Lailton: E os ambientalistas, veem o ICMBio como gestor mesmo, e...

Anselmo: Porque a legislação passou a dizer que o órgão é gestor.

Osmarino: É, a lei passou. Acontece é que, alguns críticos, eles até escreveram, mas eles não têm coragem de fazer o enfrentamento. Você vê... O Carlos Walter [Porto-Gonçalves] escreveu, mas ele nunca condena o Estado. Ele diz que foi deturpado, foi desviado. Mas ele não vai dizer assim: Eles tiraram a autonomia do movimento. O Carlos Walter ainda coloca... Ele é o único. E a outra é a Nazira Camely. Esses. E o outro é o Ariovaldo Umbelino.

Bloco 6 – CCDRU: reinterpretações e distorções institucionais

Anselmo: Eu gostaria de perguntar sobre as transformações que o SNUC promoveu na modelagem da Reserva Extrativista institucional (Lobão; Loto, 2012; Almeida; Rezende, 2013; Porto-Gonçalves, 2016; Almeida; Allegretti; Postigo, 2018). O que o movimento seringueiro pensava em relação ao CCDRU⁸, por exemplo? Em outras palavras, quais as distorções que o SNUC promoveu?

Osmarino: Nossa!... Todas as distorções. Eu lembro que quando a gente discutia essa questão da gestão dessa área [da Reserva Extrativista], a gente discutia também a palavra... a gente achava que era 'sob o nosso controle'. Que a gente discutia uma proposta de reforma agrária sob o controle dos trabalhadores. Que para nós estava claro, como a gente morava no seringal, nós tínhamos todo domínio daqui a gente dava todas as regras entre a gente, e vivia todo mundo em paz. Então, a gente vamos criar né... fazer a nossa reforma agrária adequada a nossa região, mas sob o nosso controle. Sem ter a intervenção de INCRA [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária], de nada.... Vamos criar uma regra para isso. Não tinha nenhuma figura jurídica para garantir isso. Mas baseado na criação das áreas indígenas.... Os índios conseguiram. [...]. E nós podemos fazer isso. E, nós fomos para cima. E depois que a gente criou essa coisa aí, para discutir toda essa

⁸ CCDRU é um contrato firmado entre o Estado e associações representativas dos moradores das Reservas Extrativistas, que passam, por meio dele, a ser concessionárias do direito de uso de seus territórios tradicionais.

autogestão da gente, foi que criaram todas essas regras aí, né?!... Modificou tudo! Aí criaram conselho disso, conselho daquilo. A gente só tinha o Conselho Nacional dos Seringueiros, os sindicatos... que eram as entidades que poderiam compor esse Conselho [Deliberativo]⁹. Eles botaram tudo quanto foi órgão, secretaria.... Criaram essas regras, tudo isso aí, esse Conselho 'gestor' da Reserva. Então, o SNUC veio criando todas essas regras... e o CCDRU [Contrato de Concessão de Direito Real de Uso], esse é o que foi mais complicado para nós. O contrato de concessão.

Anselmo: Eu li hoje, na tese da Mary [Allegretti]¹⁰ a transcrição do áudio da reunião da diretoria do CNS de 1986, em Brasília (Allegretti, 2002).

Osmarino: É, em 86. Foi ali no km 8.

Anselmo: Havia três propostas. E a discussão era essa. Qual seria o modelo de 'propriedade' para a Reserva Extrativista a ser defendido pelo movimento seringueiro? Havia três propostas: condomínio, propriedade privada, propriedade do Estado com uso concedido aos moradores. E, pelo que a gente lê nas transcrições daquela reunião, vocês imaginavam que seria algo semelhante ao dos indígenas...

Osmarino: Era!...

Anselmo: Teria um órgão para trabalhar junto, que no caso dos índios era a FUNAI. O Estado seria o dono da terra, qualquer coisa a gente faz um movimento e bate de frente com eles. E, a gente precisa que não seja propriedade privada, senão os moradores vão vender [as suas áreas] e vai cair na mão do latifúndio... Então é isso do que se tinha medo, de cair na mão do latifúndio. Então, vocês se reuniram à parte naquela reunião [a direção do CNS], voltaram, diante dos assessores, e acho que foi você que fez a primeira fala. E falaram algo como: A gente prefere que seja do Estado, ou seja, 'do seringueiro' (Allegretti, 2002)¹¹. Porque na cabeça de vocês, sendo do Estado, era de vocês. Estava seguro. Então, depois, qual foi o meio para isso? O meio que existe já, que consta na legislação, é a concessão [por CCDRU]. Só que na cabeça de vocês ia ser como era com os índios...

Osmarino: É!...

Anselmo: Com um órgão para os assessorar. E vocês tomando de conta...

Osmarino: Que nem estava.... Naturalmente.

⁹ Os Conselhos Deliberativos (CD) são órgãos criados pelo SNUC para gerir as Reservas Extrativistas, sendo presididos pelo chefe da unidade.

¹⁰ Mary Helena Allegretti é antropóloga e foi uma das principais colaboradoras do movimento seringueiro, atuando ao lado de Chico Mendes na formulação da proposta das Reservas Extrativistas.

¹¹ Transcrição integral da fala referida de Osmarino: "Nós discutimos sobre os três pontos, como é que ia ficar, que tipo de Reserva Extrativista nós queremos: a proposta da propriedade individual, do condomínio e da Reserva Extrativista como propriedade da União e usufruto *do seringueiro*, ou seja do extrativista. Depois que os companheiros começaram a entender mesmo a discussão, chegou-se à conclusão que a melhor proposta dessas três, pensando no que poderia acontecer com o condomínio, a gente decidiu ficar com a proposta da Reserva Extrativista sendo a terra da União e o usufruto *do seringueiro*" (Allegretti, 2002, p. 549, grifo nosso).

Anselmo: Então, o CCDRU não era uma preocupação. No entanto, ele foi aplicado de uma forma diferente dos propósitos originais, que visavam a formalização da concessão para a autogestão pelos moradores e associações. Daí, após o SNUC, ele [o CCDRU], juntamente com o Plano de Manejo — que é um documento técnico, não é mais aquele Plano de Utilização que vocês dominavam —, se tornaram as normas principais às quais as pessoas que moram em Reservas Extrativistas devem se sujeitar, incluindo o perfil de beneficiário e o Conselho Deliberativo (o Conselho com os de fora, não um conselho com os de dentro) (Almeida; Rezende, 2013; Araújo; Nicolau, 2018).

Osmarino: É!... Com os de fora...

Anselmo: E aí, teve a seguinte pergunta naquela reunião de 1986... A Mary Allegretti pergunta algo como: E qual é o prazo? Vocês já discutiram? E vocês respondem: Ih... a gente não discutiu o prazo. E penso que é o Chico que fala algo como: Deve ter um prazo, porque a gente vai ver se isso aí vai ser bom ou ruim, aí a gente vai avaliar e pode mudar (Allegretti, 2002)¹². E você também fala, mais ou menos nesse sentido. Que poderia mudar mais na frente, dependendo de como que visse que fosse (Allegretti, 2002)¹³. [...] Então esse era o contexto do CCDRU para vocês, na minha opinião. Então, eu te pergunto se era isso?

Osmarino: É!... Exatamente! A gente tinha muita clareza.

Anselmo: E te pergunto, o que o morador sente quando ele sabe que tem esse conjunto de coisas para cumprir, que ele não sabe bem o que é?

Osmarino: É! Ele nem sabe.

Anselmo: E, aí, eu escuto uma fala dos moradores [da Reserva Extrativista Chico Mendes], que queria que você comentasse, que é a ideia que eles têm, comumente, de que eles são 'cuidantes do governo'. Ah! Nós estamos aqui como 'cuidantes do governo'. Num sentido de subjugação, de não poder.... Como é que o morador se sente?

Osmarino: O morador, inclusive, a maioria deles nas reuniões que a gente faz agora, eles até dizem que nós estamos trabalhando para o Governo, nós estamos trabalhando para o IBAMA, para o ICMBio, para União. A gente não está trabalhando mais para nós, porque existe esse desânimo, né?!... E ele está lá porque ele não tem para onde ir mesmo. Ele está fazendo de tudo, por conta de todas essas regras, para se sair da Reserva [Chico Mendes]. Grande parte que eu estou vendo. E eu, inclusive, ontem estava discutindo

¹² Transcrição integral da fala referida de Chico Mendes: "O que se colocou foi que em um determinado momento vai se pensar se tem outras alternativas; poderá surgir uma nova questão que não estava claro pra gente ainda" (Allegretti, 2002, p. 549).

¹³ Transcrição completa da fala referida de Osmarino: "É o que a gente tá vendo no momento, é o que nós conseguimos perceber, como uma forma de começar essa negociação pra defesa da floresta. Se ela não é viável e aparecer outra que nos convença que é melhor que essa, sem dúvida de que nós vamos aderir. No momento nós vamos defender essa proposta porque nós estamos vendo que ela é a melhor. Prá esse momento. Esse é um dos fatos. Se num outro canto, a Reserva Extrativista não é boa, porque nós também, logo no início, a gente pensava que o condomínio ia ser o melhor, vamos trazer a terra, os seringueiros vão receber o título e vão tomar de conta disso aqui e o governo não mete a mão" (Allegretti, 2002, p. 550).

mais o pessoal em São Paulo essa noite, né?!... Da preocupação da avalanche que está vindo de Rondônia para cá [migração]. Do jeito que está esse pessoal aqui, querendo se ver livre da Reserva, com esse pessoal que vem de lá para cá, com a ganância de fazer a destruição, né?!... Vai ser um distroso. [...].

Bloco 7 – Plano de Utilização versus de Manejo: entre autonomia e controle

Anselmo: O SNUC, ele pegou o Plano de Utilização do movimento seringueiro, que era para ser construído de forma autônoma...

Osmarino: Que era para ser a regra, né?!...

Anselmo: Que era para ser a regra. E colocou no lugar o Plano de Manejo, com diversas características técnicas, para conter o Plano de Utilização. O que descaracteriza e retira o sentido do Plano de Utilização como uma regra própria, na linguagem, no método, das pessoas (Almeida; Rezende, 2013; Porto-Gonçalves, 2016). E aí, assim, na prática, perdeu-se o Plano de Utilização conforme ele foi concebido, né?!...

Osmarino: Foi!

Anselmo: Então, eu pergunto para você, como é que foi esse processo de construir o Plano de Utilização? E, qual a diferença... O que você sente de ter perdido o Plano de Utilização conforme ele foi pensado, para ganhar esse Plano de Manejo que é técnico, que é um tipo de plano que se faz para toda Unidade de Conservação da Natureza?

Osmarino: Desde o começo, quando eles modificaram, eu fiquei muito desgostoso. Porque o Rueda [Rafael Pinzón Rueda]¹⁴.... Nós ficamos 10 dias no km 59¹⁵, sabe... Discutindo... A gente entrava por aqueles seringais convocando, para fazer esse Plano de Utilização [da Reserva Extrativista Chico Mendes]. Eu fiquei seis meses no Juruá, convocando o pessoal para uma Assembleia, que era para ele ir... todo mundo. Então, ele ouvia primeiro todo mundo. Aquele sim, era um cara que... Tinha ele e um outro cara que andava mais ele... que é o Juan Carlos. Acho que era chileno. Mas, foram duas figuras que... aqueles respeitavam a determinação que a gente tinha, que a gente tomava aqui. Então, eles anotavam tudo que a gente discutia, que a gente pensava. Eles perguntavam assim: Como devem ser as regras? O que é que vocês querem que coloque? Aí todo mundo falava. Ele fazia trabalho de grupo de três em três pessoas. Se tivesse 100 pessoas, eram 33 grupos ali. O dia todo, a gente discutindo. Mas, ele envolveu... Ele envolvia mesmo. Ele botava os sindicalistas para convocar. Ele botava os seringueiros para mobilizar. Ele não botava em rádio não, sabe?... O cara chegava... Ele dizia: O que vocês querem fazer? Nós queremos que você faça um bilhete. E nós vamos ler, quem sabe ler. Então, ele estava

¹⁴ Rafael Pinzón Rueda foi o responsável geral pelo CNPT nos estágios iniciais da implementação das primeiras Reservas Extrativistas, desempenhando papel central na condução institucional desse processo.

¹⁵ O Km 59 é uma estrada de terra localizada no município de Brasília-AC, que dá acesso a diversos seringais situados dentro da RESEX Chico Mendes.

sempre preocupado, para envolver as pessoas que sabiam ler. E às vezes alguns estudantes que participaram de alguns empates iam no processo. Por exemplo, o empate do Porongaba¹⁶... O empate do Porangaba deu muito mais... eu acho que quase uns 100 estudantes. Os estudantes da área de geografia, da área de...

Anselmo: Mas do Acre ou de fora?

Osmarino: Da faculdade de.... Veio um pessoal do Rio de Janeiro, para cá! Da geografia do Rio e o pessoal daqui da faculdade do Estado do Acre, da UFAC.

Anselmo: Mas naquela época era o Carlos Walter que mobilizava a geografia?

Osmarino: Era... o Carlos Walter, o Aziz Ab'Saber, era o Ariovaldo Umbelino... Esse pessoal. O Aziz Ab'Saber, a gente sempre dizia que ele era o dono da USP. Pois é.... Todo esse pessoal... Ele vinha para cá, o Aziz Ab'Saber, na década de 70, ele teve aqui no Acre. De 70 para 80. Então, o Rafael, quando nós criamos as regras, do Plano de Utilização, que a gente achava que ia ser por aquilo ali. Lá vem o desmoronamento do SNUC. Vem destruindo todas essas ideias. Aí começou algum intelectual... A Rosa, se posicionou. O Mauro Almeida¹⁷...

Anselmo: Deixa eu te perguntar.... Você acha que o Plano de Utilização era a coisa mais real da autonomia na Reserva Extrativista?

Osmarino: Para nós era!... Para nós era... Era o essencial. Era a nossa realidade. Aquilo era para fazer as Reservas serem realmente para as gerações futuras também. Porque a nossa discussão que era para nós e para as gerações futuras, né?!... Que a gente pensava no neto, no filho, nessas coisas. Mas isso ficou só... no sonho, né?!... Como diz o Chico.... Eu mesmo não verei, mas eu sei que eu sonhei isso. Chico Mendes disse, que eu mesmo não verei, mas ele teve o prazer de ter sonhado [lágrimas nos olhos].

Bloco 8 – O Chefe e o Conselho: deslocamento do poder para o Estado

Anselmo: Segundo alguns autores (Almeida; Postigo, 2013; Almeida; Allegretti; Postigo, 2018), a criação dos Conselhos [Deliberativos], como órgãos máximos de gestão, compostos com pessoas de fora, estão entre as intervenções do SNUC que descaracterizaram o projeto Reserva Extrativista...

Osmarino: Isso aí eu me posicionei contra... logo, logo...

Anselmo: ...e a ideia de que a Reserva tem um chefe, como todos os outros Parques. Algo que é uma determinação do Estado de quem seja. Ou seja, algo não

¹⁶ Porongaba é um seringal localizado no município de Brasiléia, Acre, integrante da RESEX Chico Mendes.

¹⁷ Mauro William Barbosa de Almeida é antropólogo, professor da Unicamp e foi assessor do movimento seringueiro durante a década de 1980, tendo contribuído para a formulação da proposta das Reservas Extrativistas.

democrático. Então, eu queria que você falasse como o Conselho e a figura do chefe são contrários ao projeto original de Reserva Extrativista.

Osmarino: Eu me posicionei contra isso, o Manoel Estébio¹⁸ se posicionou, as pessoas que assessoravam nós aqui... Eu, geralmente, eu gostava de ser abiúdo¹⁹, como a gente chama. Quando eles colocavam essas coisas, eu já tinha... eu sabia que eu era ovelha negra. Eu sabia que eu... eu não... para mim não tinha problema eu ser áspero com as pessoas que vinham colocando aquilo. Que vinham tirando a originalidade que a gente defendia, né?!... Originalmente, que nem a gente pensava. Então, eu me posicionava logo. Sabe?!... Eu acho que.... Eu dizia: gente.... Eu não lembro quem foi.... Uma vez uma pessoa disse até assim.... Eu até divergi com ele, né?!... Ele disse: Olha, se a gente colocar chefe.... Que eu disse que naquela época, eu disse que já era preconceito, né?!... Nunca me esqueci disso. Quando ele falou que cada Reserva tinha que ter um responsável, né?!... Discutindo... tinha que ter.... Eu disse: Gente, olha, eu acho que não tem que ter chefe, para estar.... Eu acho que as associações de base, a gente estrutura, para elas fazerem essas discussões, e passar para associação mãe. Que era a associação do município, né?!... Aí um outro cara disse: Não! Se for para estar colocando chefe para nós!... Né?... Chefe, quem tem chefe é índio. E não é nem chefe. É pajé.... Mas o cara achava que o pajé era o chefe. Digo, não!... Mas o pajé, ele é eleito pelo resto dos índios. Ele não é colocado por nenhum técnico lá de fora não.

Anselmo: E por que os Conselhos [Deliberativos], da forma como são, não são coerentes com o projeto original de Reserva, de vocês?

Osmarino: Porque os Conselhos foram criados por pessoas de fora. Por pessoas de fora, não era por pessoas das comunidades.... Nós queríamos o Conselho criado pelas associações de base, pelos sindicatos... Nos Conselhos não era para entrar... O único órgão que era para estar no Conselho era o CNPT. Porque ele era vinculado à criação da Reserva. Mas não era para estar aí as universidades... Era para entrar quando fosse na hora da pesquisa, que o Conselho, organizado pela base, solicitasse. Mas eu... eu fui contra...

Anselmo: Daí o poder de decisão ficaria com vocês...

Osmarino: Mas aí... eu perdia. Eu perdi... E, passava. Porque tem algumas pessoas.... Que eu fazia muita crítica. Eu brigava muito. E eram poucos os que se opunham. Porque a gente.... Esse pessoal, muitas vezes, ajudava muita gente. A divulgar o que estava acontecendo. E muitos companheiros tinham medo dessa... dessa divulgação. Deles se afastarem e acabar a divulgação do nosso movimento. Porque eles espalhavam

¹⁸ Manoel Estébio Cavalcante da Cunha acompanhou o movimento seringueiro desde sua atuação nas Comunidades Eclesiais de Base até sua participação no Projeto Seringueiro. Atualmente, é professor da Universidade Federal do Acre (UFAC).

¹⁹ Abiúdo é um termo regional que se refere a alguém curioso, intrometido ou atrevido.

para o mundo o conflito que estava tendo aqui. E nós não tínhamos estrutura para isso. Eles faziam um documento e logo espalhavam no rádio, e ia para os jornais. Eles bancavam. Tinha vez que eles pagavam nos jornais, para ser publicado. Nós não tínhamos condição... [...].

Bloco 9 – Do CNPT ao ICMBio: transição e perda de protagonismo comunitário

Anselmo: Eu gostaria de te perguntar a respeito do que era a filosofia do CNPT (Almeida; Rezende, 2013). Se o CNPT buscava ser expressão do que era a imaginação dessa Reserva Extrativista autônoma?...

Osmarino: O CNPT tinha!... Tinha essa identidade com a gente.

Lailton: E como era a gestão da Reserva até 2000, antes da criação do SNUC. Era.... Quais pontos positivos?...

Osmarino: Até 2000, era tudo tranquilo, era tudo respeitado, porque tinham as entidades. Porque o CNPT, com o Juan Carlos, com o Rafael, junto, com o Jaime, né? Era tudo contactado com a gente.

Lailton: Com a gestão local, ali...

Osmarino: Local... Era tudo local. E o CNPT só aceitava finalizar um documento depois que eles recebessem as atas da aprovação daquilo. Eles recebiam a ata do municipal, do regional, do estadual e recebia do nacional. Aí, sentava com a direção do Conselho [CNS].

Bloco 10 – Subsistência: distorções da filosofia econômica original

Anselmo: Como a teoria-ideologia que organizou a inclusão das Reservas Extrativistas no SNUC parte do pressuposto de que as populações possuem uma cultura que conserva a natureza e que o modo de vida deve ser protegido (Barreto-Filho, 2006).... Isso refletiu na economia pensada para a Reserva Extrativista no SNUC. A gente vê nos textos, que a economia pensada, originalmente, era a partir do seringal, com o protagonismo dos seringueiros.... Mas, ela é flexível, dinâmica para agregar tecnologias, para a inserção de novos produtos.... Ela é, assim, aberta para o seringueiro viver bem...

Osmarino: Deveria ser!

Anselmo: Só que o SNUC veio com essa filosofia-ideologia de fora, dos Parques, etc. E diz o que? Que a economia em Reservas Extrativistas deve ser de 'subsistência'. Isso está no conceito de Reserva Extrativista! Foi colocado no conceito de Reserva Extrativista.

Osmarino: A gente já vivia em subsistência. Nós brigamos para sair dessa.... Nós brigamos para sair disso, cara (risos). Nós vivíamos na mão do patrão. Era... sabe?...

Anselmo: E o SNUC trabalha com a ideia de que a economia das Reservas Extrativistas é [deve ser] de “subsistência” (Brasil, 2000, Art. 18º).

Osmarino: Tá errado! [...]

Anselmo: E aí, eu achei uma fala do Chico, naquela reunião de Brasília, de 86, e ele falando algo como o seguinte: Olha, eu acho que na Reserva Extrativista a gente tem que colocar que o seringueiro também pode fazer a sua agricultura, sua lavoura.... Porque o seringueiro trabalha 50 anos... produz agricultura.... Eu conheço seringueiros que tem até sua criaçãozinha, tem até gado no seringal... tem 20, 30 cabeças de gado (Allegretti, 2002)²⁰. Aí, quando é criada a Reserva Extrativista Chico Mendes, surge o Plano de Utilização, só que limitando...

Osmarino: A limitação foi depois!...

Anselmo: E o SNUC proibiu o gado.... Então, ter o gado ou não ter, pela filosofia da Reserva, de autogestão, era para ser definido por vocês, numa mudança do Plano de Utilização. Se vai ou não vai ter, etc..... Então, para mim, um crime do SNUC é implementar essa visão, de que na Reserva Extrativista as pessoas vivem de subsistência e se tem que conservar a cultura e o modo de vida... E aí, acontece o que a gente ouve dos moradores, que não sabem nada dessa discussão, mas eles percebem isso. E o que que eles vão falar? Que o pessoal [do Estado, de ONGs] querem que eles vivam como os seringueiros viviam na época da criação da Reserva. Daí eu queria perguntar para você, qual é a proposta original para a economia? E, se você reconhece que o SNUC fez isso? E se o morador sente isso?

Osmarino: O morador, ele sente, mas ele não tem esse domínio, dessas coisas. Agora, eu acho que essa é a palavra certa. É crime! Isso é um crime gravíssimo. Porque, pô... a gente sonhava com os nossos filhos na faculdade. A gente pensava em criar a universidade dos povos da floresta, criar centros de capacitação, centros de formação, centros de pesquisa.... Nós discutimos criar... laboratórios! Isso, só é capaz de fazer isso, se você não viver de subsistência. Você não tem como implementar faculdade, né?!... Para desenvolver a nossa economia, se você não tiver um domínio, né?!... Estrutural. Porque o domínio mental a gente tem. O problema é que, para você implementar determinada tecnologia, você tem que ter estrutura para isso.

Lailton: Tem que ter participação do Estado, né?!...

²⁰ Transcrição integral da fala referida de Chico Mendes: “E na Reserva Extrativista eu acho também que tem que colocar que o seringueiro pode também fazer sua pequena produção, a lavoura. Porque o seringueiro trabalha 50 anos, ele produz agricultura e não destrói a seringueira. Eu conheço seringueiros aí que tem 50 anos, tem a criaçãozinha, cria até gado no seringal. Tem seringueiro que tem 20, 30 cabeças de gado (Allegretti, 2002, p. 542).

Osmarino: Exatamente.... Mas o Estado, hoje, monopoliza. Como é que eles fazem?... Estão tirando escolas de dentro da Reserva²¹. Cara, nós éramos seis escolas ali. A grande maioria dos alunos.... No ano passado, tem estudantes que só foram 14 dias para a Escola. Vai aprender o que?

Anselmo: E, não tem nenhuma política específica, de educação diferenciada para a Reserva Extrativista (Silva; Da Silva, 2023; Silva, 2025).

Osmarino: Não tem! Não tem! Nem para a economia... Pra Reserva não tem nada. Não tem discussão nenhuma. Nem do ICMBio... Nem do Estado... Nem...

Bloco 11 – Caminhos para a re-existência da Reserva Extrativista original

Anselmo: Como considerações finais, gostaria de fazer duas perguntas. Primeiro, há um autor que argumenta que muitos grupos sociais nas sociedades conseguiram suas conquistas territoriais usando instrumentos ligados à ambientalização de suas lutas... E, dependendo de como isso se desenrolou, resultou em diversas normativas que limitaram a reprodução socioeconômica desses grupos. Ele chamou isso de 'cativeiro ambiental' (Lima-Gomes, 2022). Você acredita que a Reserva Extrativista, com sua ambientalização pelo SNUC, se tornou um 'cativeiro ambiental'?

Osmarino: Eu acho! Essa é a palavra ideal, é um cativeiro.

Anselmo: E os moradores percebem isso? E que expressões dos moradores...

Osmarino: Alguns moradores estão percebendo, mas a grande maioria ainda não...

Anselmo: O que eles percebem?

Osmarino: Eles estão totalmente.... Você sabe o que é um rebanho sem direcionamento? Os moradores da Reserva [Extrativista Chico Mendes] perderam a ilusão com tudo.... Perderam a ilusão. Eu tô lhe falando que... o cativeiro... Porque quando você está em cativeiro, você... Porque de primeiro tinha um grupo de pessoas, pelo menos aqui na Reserva, que estrebuchava, ia pra cima e tal. Hoje esse grupo se limitou a uma meia dúzia de pessoas. É poucas, sabe?...

Anselmo: Tá todo mundo tocando o seu rumo, né?!...

Lailton: Tá tudo individualizado, né?

Osmarino: É!

Anselmo: E, por fim, para a re-existência das Reservas Extrativistas 'originais' no Brasil (Hurtado; Porto-Gonçalves, 2022), conforme foi a imaginação-sonho do movimento seringueiro, qual é o caminho?

²¹ Na região onde Osmarino reside (Km 19), as pequenas escolas comunitárias multisseriadas foram fechadas como parte da política de nucleação escolar, comum na Amazônia. Os alunos passaram a ser atendidos por uma escola polo fora da Reserva, evidenciando a ausência de uma política educacional específica para esses territórios.

Osmarino: O caminho.... É longo (risos).

Anselmo: E será que ele vai ser algum dia percorrido, ou...?

Osmarino: Olha.... Eu acho que ele pode ser iniciado. Não vou dizer que é impossível. Porque tudo depende de cada conjuntura. Mas eu acho muito difícil, a gente salvar as Reservas Extrativistas do jeito que está o Estado, do jeito que está o movimento, sabe?!... É muito difícil você salvar as Reservas do jeito que está. [...]

Lailton: A luta foi mais difícil naquela época do senhor ou agora?

Osmarino: Não! Para mim era difícil em algumas partes. Mas o pessoal tinha muito mais consciência de luta, para defender os seus territórios, para defender a sua floresta.... Hoje está muito difícil, a juventude não... E naquele tempo, o pessoal sem saber ler, queria aprender. E hoje, a maioria tem a facilidade...

Lailton: Será que essa perda aí, de consciência, foi trazida pelas conquistas de terra, energia...

Osmarino: Não! Não, não.... Isso aí é implementado pelo próprio sistema. Eu acho que o Estado, para ter o domínio, né?!... Junto com o sistema... Porque o Estado representa o sistema...

Considerações finais

A realização desta entrevista integrou um processo reflexivo, baseado no ‘estudo de caso ampliado’, que propõe o retorno ao campo como etapa essencial para a produção de conhecimento dialógico e socialmente ancorado. A devolutiva dos resultados de uma investigação recente sobre as Reservas Extrativistas a uma das lideranças históricas do movimento seringueiro, Osmarino Amâncio Rodrigues, buscou tensionar, ampliar e qualificar a compreensão das problemáticas levantadas no artigo intitulado *Reservas Extrativistas pós-SNUC: Uma revisão de problemáticas decorrentes* (Silva, 2024c). A narrativa do entrevistado reforçou os achados da pesquisa, reafirmando o diagnóstico crítico apresentado no artigo; além disso, agregou novas camadas de detalhamento, permitindo um olhar histórico-vivencial sobre as dinâmicas descritas.

Considerando o conjunto das evidências recolhidas, verifica-se que — particularmente após a integração das Reservas Extrativistas ao SNUC — a erosão da autonomia comunitária, a adoção de modelos de gestão dissociados das epistemologias locais, o deslocamento dos centros decisórios para esferas externas aos territórios e a imposição de regras que disciplinam os modos de vida, reduzindo a diversidade de estratégias produtivas à condição de ‘subsistência’, têm comprometido os vínculos territoriais, a capacidade adaptativa das comunidades residentes e impactado negativamente a sustentabilidade do modelo Reserva Extrativista — especialmente no

médio prazo —, contribuindo para crises, conflitos locais e ampliação dos riscos de rupturas nos equilíbrios socioecológicos amazônicos.

A entrevista com Osmarino evidencia que tais problemáticas não se restringem ao passado recente das RESEX, mas estão em curso e articulam-se com dilemas contemporâneos. Seu testemunho ilumina como perspectivas hegemônicas — modernas, capitalistas e liberais —, apresentadas como de “proteção” da “biodiversidade” e da “natureza” — atualmente presentes no debate climático global — podem incorporar mecanismos históricos de subordinação territorial e epistemológica, resultando em diversas configurações de colonialidades. Nesse sentido, suas memórias e críticas aqui registradas permitem interpelar políticas nacionais e internacionais em curso — sobretudo na Amazônia, em especial no contexto da COP30.

Diante disso, é necessário reavivar à contemporaneidade a frase de Chico Mendes, que abre este texto: “Ecologia sem luta de classes [leia-se crítica social] é jardinagem” (Chico Mendes apud Rodrigues, 2020, s.p.), e reafirmar-inventar alternativas baseadas no nível local-regional e no protagonismo, especialmente ontológico-epistemológico, das comunidades e povos amazônicos. Além disso, a entrevista reforça a urgência de uma revisão crítica da modelagem institucional e de gestão atualmente vigentes nas Reservas Extrativistas, à luz de sua concepção original pelo movimento seringueiro, que afirma que elas devem ficar sob o “controle dos seringueiros [moradores]” (ISA, 1986, p. 9).

Referências

ALEGRETTI, M. H. **A construção social de políticas ambientais**: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. 2002. 826 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável – Gestão e Política Ambiental) – Universidade de Brasília, Brasília.

ALMEIDA, M. W. B.; REZENDE, R. Uma nota sobre comunidades tradicionais e unidades de conservação. **RURIS**, v. 7, n. 2, p. 185-196, 2013. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16882/11592>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ALMEIDA, M. W. B.; ALLEGRETTI, M. H.; POSTIGO, A. O legado de Chico Mendes: êxitos e entraves das Reservas Extrativistas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 48, p. 25-55, 2019. <https://doi.org/10.5380/dma.v48i0.60499>.

ARAÚJO, V. P.; NICOLAU, O. S. Participação social na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo: uma análise dos instrumentos de gestão sob a ótica da decolonialidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 48, p. 299-320, 2018. <https://doi.org/10.5380/dma.v48i0.58831>.

BARRETO-FILHO, H. T. Populações tradicionais: introdução à crítica da ecologia política de uma noção. In: ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. (orgs.). **Sociedades caboclas amazônicas**: modernidade e invisibilidade. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2006. p. 109-143.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2000.

BURAWOY, M. **Marxismo sociológico**: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica. São Paulo: Alameda, 2014. 348 p.

CINNER, J. E.; BARNES, M. L. Social dimensions of resilience in social-ecological systems. **One Earth**, v. 1, n. 1, p. 51-56, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.oneear.2019.08.003>.

CUNHA, C. C. **Reservas Extrativistas: institucionalização e implementação no Estado brasileiro dos anos 1990**. 2010. 310 f. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FELIX, C. Entrevista Txai Macedo. **Vimeo**, 2022. Disponível em: <https://vimeo.com/786839883>. Acesso em: 24 jun. 2024.

HURTADO, L. M.; PORTO-GONÇALVES, C. W. Resistir y re-existir. **GEOgraphia**, v. 24, n. 53, p. 1-10, 2022. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i53.a54550>.

INSTITUTO DE ESTUDOS AMAZÔNICOS (IEA). **Origem do Conselho Nacional das Populações Extrativistas – CNS**. 2025. Disponível em: <https://institutoestudosamazonicos.org.br/cns/>. Acesso em: 9 set. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **II Encontro do Conselho Nacional de Seringueiros com Assessores (Fita nº 1 – Discussão sobre Reservas Extrativistas)**. Acervo do Instituto Socioambiental, 1986. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/04D00034.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2025.

LOBÃO, R. J. S.; LOTO, L. Análise de dois casos de modelos de gestão compartilhada em pescarias artesanais: Reservas Extrativistas Marinhas (Brasil) vs. áreas de manejo e exploração de recursos bentônicos (Chile). **Confluências**, v. 14, n. 1, p. 1-18, 2012. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/analise-de-dois-casos-de-modelos-de-gestao-compartilhada-em-2o-ycg6oq2e.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

LIMA-GOMES, D. O. “Cativeiro ambiental”: apresentando uma problemática (e ilustrando com dois exemplos amazônicos). **AMBIENTES**, v. 4, n. 2, p. 115-148, 2022. <https://doi.org/10.48075/amb.v4i2.30323>.

MILKOREIT, M. et al. Defining tipping points for social-ecological systems scholarship: an interdisciplinary literature review. **Environmental Research Letters**, v. 13, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1088/1748-9326/aaaa75>.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Geografando**: nos varadouros do mundo. Brasília: IBAMA, 2003. 591 p.

PORTO-GONÇALVES, C. W. O difícil espelho: a originalidade teórico-política do movimento dos seringueiros e a “confluência perversa” no campo ambiental no Acre. In: HOCSMAN, L. D.; PORTO-GONÇALVES, C. W. (orgs.). **Despojos y resistencias en América Latina**. Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2016. p. 107-140.

PROST, C. Reservas extrativistas marinhas: avanço ou retrocesso? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 48, p. 321-342, 2018. <https://doi.org/10.5380/dma.v48i0.58351>.

A RESERVA EXTRATIVISTA 'ORIGINAL' FOI 'APAGADA' PELO SNUC? REFLEXÕES COM OSMARINO AMÂNCIO RODRIGUES, LIDERANÇA HISTÓRICA DO MOVIMENTO SERINGUEIRO

RODRIGUES, G. Ecologia sem luta de classes é jardinagem. **Jacobin Brasil**, 11 dez. 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/12/ecologia-sem-luta-de-classes-e-jardinagem/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVA, A. G. da; SILVA, F. C. da. Saving the Amazon? Cultivating “Education in the Forest”. **Linhas Críticas**, v. 29, e46828, 2023. <https://doi.org/10.26512/lc29202346828>.

SILVA, A. G. da; RODRIGUES, O. A.; COSTA, L. dos S. Memórias do movimento social 'seringueiro': Wilson Pinheiro, Chico Mendes e Osmarino Amâncio. In: RIBEIRO, M. de F. B.; MELO, A. D. de (orgs.). **Patrimônio Cultural e Memória no MERCOSUL**. 1. ed. Curitiba: CLAEC, 2024. p. 73-83. Disponível em: <https://repositorio.ifac.edu.br/jspui/handle/123456789/136>.

SILVA, A. G. da. Reservas Extrativistas na Amazônia brasileira: temas e questões de pesquisa. **Ensaio de Geografia**, v. 11, n. 24, e112418, 2024a. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/58749. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVA, A. G. da. **Que é Reserva Extrativista? Uma homolo-crítica conceitual**: pela (re)emergência de projetos ontológicos amazônicos. São Paulo: Editora Dialética, 2024b.

Silva, A. G. Reservas Extrativistas pós-SNUC: Problemáticas decorrentes. **AMBIENTES**, v. 6, n. 2, p. 166-219, 2024c. <https://doi.org/10.48075/amb.v6i2.32296>.

SILVA, A. G. da. Por um microcampo de Educação das Águas e das Florestas no Brasil. In: SILVA, A. G. da; CUNHA, M. E. C. da (orgs.). **Educação da Floresta e das Águas**. Foz do Iguaçu: CLAEC, 2025. p. 7-24. <https://doi.org/10.23899/9786589284734.1>.

Sobre os autores

Anselmo Gonçalves da Silva – Graduação em Administração pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestrado em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Doutorando em Estudos Contemporâneos na Universidade de Coimbra (UC). **OrCID** – <https://orcid.org/0000-0001-9825-4030>.

Lailton dos Santos Costa – Tecnólogo em Agroecologia pelo Instituto Federal do Acre (IFAC). **OrCID** – <https://orcid.org/0009-0000-9066-4166>.

Como citar esta entrevista

SILVA, Anselmo; COSTA, Lailton dos Santos. A Reserva Extrativista 'original' foi 'apagada' pelo SNUC? Reflexões com Osmarino Amâncio Rodrigues, liderança histórica do movimento seringueiro. **Revista NERA**, v. 28, n. 3, e11059 (entrevista), jul.-set., 2025.

Declaração de Contribuição Individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelos(as) autores(as). O autor **Anselmo Gonçalves da Silva** foi o responsável pelas funções de conceitualização, curadoria de dados, investigação, metodologia, supervisão, validação, redação (revisão e edição) e redação (rascunho original). O segundo, **Lailton dos Santos Costa**, foi o responsável pelas funções de investigação e redação (rascunho original).

Recebido para publicação em 27 de junho de 2025.

Devolvido para revisão em 24 de agosto de 2025.

Aceito a publicação em 25 de setembro de 2025.

O processo de editoração deste artigo foi realizado por Lorena Izá Pereira.
